

A liturgia da vida segundo Santo Agostinho

1. *A vida, uma liturgia*

Quando na celebração eucarística pedimos que o Espírito Santo faça de nós uma *oferenda permanente* (Preces III e IV), exprimimos algo de verdadeiramente central e, por isso mesmo, de profundamente tradicional na concepção cristã da Eucaristia.

Central, porque aí se condensa algo essencial do mistério eucarístico, a saber: o sentido cultural de toda a existência cristã. Quanto ao aspecto tradicional, fácil seria acumular as referências comprovativas. Bastem umas poucas, buscadas por assim dizer no surto inicial e no momento actual dessa imensa, misteriosa e fecunda corrente de águas vivas que chamamos Tradição.

Dirigindo-se aos fiéis de Roma (*Rom.* 12, 1-2), exorta-os S. Paulo a oferecer as suas pessoas como hóstia (sacrifício) viva, santa, agradável a Deus, pois tal é o culto espiritual que devem exercer. Por essa mesma razão considerava o Apóstolo o seu apostolado como actividade cultural, sendo ele «celebrante de Cristo Jesus junto dos pagãos, sacerdote do Evangelho, afim de que os pagãos se tornem uma oblação agradável, santificada no Espírito Santo» (*Rom.* 15, 16). Aos fiéis de Corinto exorta: «quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus» (1 *Cor.* 10, 37). Por fim, na epístola aos Colossenses, tem esta bela e lapidar síntese da vida vivida como liturgia: «seja o que for que fizerdes, seja sempre em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai» (*Col.* 3, 17).

A vinte séculos de distância, o Vaticano II propõe a mesma doutrina, fazendo-se eco, especialmente, de 1 *Pe.* 2, 5 e *Col.* 3, 17: «O supremo e eterno sacerdote Cristo Jesus (...) concedeu também participação no seu múnus sacerdotal àqueles que intimamente associou à sua vida e missão (...). Todos os seus trabalhos, orações e

empreendimentos apostólicos, a vida conjugal e familiar, o trabalho de cada dia, o descanso do espírito e do corpo, se forem feitos no Espírito, e as próprias incomodidades da vida, suportadas com paciência, se tornam em outros tantos sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo (cfr. 1 Pe. 2, 5); sacrifícios estes que são piedosamente oferecidos ao Pai, juntamente com a oblação do Corpo do Senhor, na celebração da Eucaristia» (*Lumen Gentium*, 34).

A «missa da vida» intimamente associada à «missa do altar». A vida, uma liturgia.

2. O testemunho de Agostinho

Desta concepção litúrgica da vida, Santo Agostinho é relevante testemunha. Chamar a atenção para este facto é o objectivo desta modestíssima comunicação — em tão grande contraste com a grandeza da dívida que reconheço ter para com o Bispo de Hipona.

Mais do que elaboração do tema a partir das obras do Santo, o que me proponho fazer é, mais simplesmente, reunir em torno de dois termos-chave da liturgia — Sacrifício e Louvor — algumas passagens mais significativas, resultado de leituras feitas quando, há já bastantes anos, me era possível consagrar mais tempo ao contacto com o grande mestre que para mim tem sido Santo Agostinho.

Os textos que vou referir provém na sua maioria das homilias e sermões pronunciados por Santo Agostinho em Hipona (a actual Annaba), desde o dia famoso em que, por aclamação popular, foi apresentado ao alquebrado e ancião bispo da cidade para ser ordenado sacerdote e assumir o ministério da palavra. Ministério a que o antigo mestre de retórica se consagrou de alma e coração, como é sabido. Das cercas de 8.000 vezes que terá falado aos fiéis, apenas nos chegaram pouco mais de meia centena de textos.

É pois sobretudo Agostinho pregador que aqui será ouvido. Falando a um auditório quasi inteiramente analfabeto, ele conseguiu, de modo verdadeiramente admirável, adaptar-se aos ouvintes sem rebaixar ou mutilar a mensagem evangélica. Baste lembrar que algumas das suas obras doutrinalmente mais importantes — por exemplo, o comentário ao Evangelho de S. João ou à Primeira Epístola de S. João — outra coisa não são do que as homilias em que de modo seguido foi explicando aos seus fiéis o texto sagrado.

A este respeito, não conheço nenhum outro autor em que se verifique em tão alto grau o que o P. Vieira propõe aos pregadores, a saber: que as suas palavras sejam, à imitação das de Cristo, como as estrelas: tão claras e luminosas que todos as vêem, mas tão altas que ninguém as alcança.

Assim eram as palavras de Agostinho falando ao povo fiel. Não admira por isso que não poucas vezes o auditório o interrompesse com aplausos — como se reflecte nos textos chegados até nós. Costumava o Santo aproveitar essas ocasiões para lhes lembrar a doutrina do Mestre Interior, do qual lhes falara logo no começo da sua pregação, Mestre que falava nele e neles.

3. *Vida e sacrificio*

Num texto do livro décimo da *Cidade de Deus*, que se tornou clássico, diz Santo Agostinho que por sacrificio se entende «toda a obra que se realiza para nos unir em santa união com Deus, i. é toda a obra que se orienta para aquele fim de Bem que nos dá a verdadeira felicidade»¹. Não vem para aqui debater se esta definição — tomada de um contexto de refutação dos platónicos — é mais filosófica do que cristológica. Partilhando da opinião dos que julgam que também aqui o pensamento agustiniano é marcadamente cristológico, interessa-me mais sublinhar a amplitude da definição proposta, a qual, para além do sacrificio eucarístico, abarca toda e qualquer actuação que una o homem a Deus e assim o torne «sagrado». Sacrificar, no seu significado primigénio, quer dizer precisamente isso: fazer ou tornar sagrado, porque ligado ou unido ao Santo, a Deus. Sacrificar é divinizar. E é assim que logo a seguir à passagem citada diz Santo Agostinho que «são verdadeiros sacrificios as obras de misericórdia, quer para connosco quer com o próximo, referidas a Deus»².

Este modo de falar não constitui uma raridade nas obras de Santo Agostinho. Antes pelo contrário, são muitas as ocasiões em que deparamos com ele, o que manifesta quanto estava presente na sua actuação pastoral a concepção da vida como liturgia sacrificial.

¹ «Verum sacrificium est omne opus, quo agitur ut sancta societate inhaereamus Deo; relativum scilicet ad illum finem boni quo veraciter beati esse possimus», *De Civitate Dei*, 10, 6, CCL, 47, 278.

² «Cum igitur vera sacrificia opera sint misericordiae sive in nos ipsos sive in proximos, quae referuntur ad Deum». *Ib. ib.*

Assim, dirá que são verdadeiros sacrifícios agradáveis a Deus: a humildade de coração, a contrição dos pecados, a confissão dos mesmos ou as lágrimas por eles (próprios ou alheios) choradas, a oração pelo próximo, as esmolas, as obras de misericórdia, a caridade, a fé, esperança e caridade, o que é de verdadeiro proveito para o homem ... o próprio homem³. Homem que repetidas vezes dirá ser sacrifício⁴ ou ainda, fazendo-se eco das palavras de Jesus à Samaritana, templo: «queres orar no templo? Ora em ti. Mas primeiro torna-te tal templo»⁵.

4. Vida e Louvor

Passagens deste teor são, como disse, inúmeras. Foi porém com relação ao segundo tema que indiquei, o louvor, que Agostinho mais desenvolvida e claramente explicou aos seus fiéis o sentido cultural da vida e o modo como ela assim pode ser vivida.

Uma e outra vez — não raro a propósito do versículo do salmo «Cantai ao Senhor um cântico novo» — procurou ele inculcar no espírito dos seus ouvintes esta convicção de que a vida deve ser uma liturgia continuada, liturgia que no mistério da celebração eucarística tem a sua origem e o seu termo: «missa da vida» e «missa do altar» em continuada e mútua comunicação, bem longe de qualquer distonia ou separação.

Passo a indicar uns quantos exemplos. Comentando o Salmo 102: «Todos aqueles que vivem mal, mesmo estando calados blasfemam de Deus com a sua vida. E que aproveita cantar a tua língua um hino, se a tua vida exala sacrilégio? (...). Portanto, se queres bendizer o Senhor, cumpre o que Ele diz, faz a sua vontade. Edifica sobre a rocha, não em areia (...). Se assim for, bendiz ao Senhor; mas se não, que não te

³ «Sacrificia lacrimas tamquam vulnerati sanguinem cordis». *Epist.* 199. «Acipe sacrificium confessionum mearum, de manu linguae meae», *Confess.*, 5, 1; *CCL* 27, 57. *Sermo* 48, *passim*. «Gratior est Deo pro fratre deprecatio, ubi sacrificium caritatis offertur», *Epist.*, 126. «Sacrificium est elemosina in pauperem», *Homil* 29, 1. «Per hoc quod scriptum est misericordiam volo quam sacrificium (...) misericordia verum sacrificium est», *Civ. D.* 10, 5; *PL* 41, 283. «Cum igitur vera sacrificia opera sint misericordiae, sive in nos ipsos sive in proximos, quae referuntur ad Deum», *Civ. D.* 10, 6; *PL* 41, 284. «Non colitur Deus nisi caritate», *Epist.* 20. «Fide, spe et caritate colendum Deum», *Enchir.* 3; *PL* 40, 232. «Sacrificium volo quod prosit homini», *Homil.* 65. «Ipse homo, Dei consecratus ac Deo devotus, inquantum moritur mundo moritur ut deo vivat, sacrificium est». *Civ. D.* 10, 6; *PL* 41, 283.

⁴ «Sacrificium esse debemus...», *Civ. D.* 10, 31; *PL* 41, 312. Cf. *Sermo* 227; *PL* 38, 1101.

⁵ «In templo vis orare, in te ora. Sed prius esto templum Dei, quia ille in suo templo exaudiet orantem», *Tr. in Jo.* 15, 25; *CCL* 36, 161.

enganes com (o que) a tua língua (canta): interroga antes a tua vida, ela te responderá. Verás o mau que és; geme então e confessa; a confissão pode ser um bemdizer a Deus. E que essa tua mudança persevere em louvor»⁶.

Nesta mesma linha — a da vida que é o contrário da glorificação de Deus que devia ser e que a boca proclama — são inúmeras as admoestações do Santo: «os que vivem mal, não louvam a Deus. Mesmo que proclamem com a língua (o seu louvor), blasfemam-no com a vida»⁷. E concretizando com as faltas de caridade: «Crês e blasfemas. Adoras Cristo na cabeça, blasfema-lo no corpo»⁸.

Mais frequentes e mais agradáveis ao coração do pastor são as muitas ocasiões em que exorta os fiéis a celebrar o Senhor com tudo o que são e vivem. Assim, ao comentar o Salmo 34: «Oh irmãos, oh filhos, oh novos rebentos da Igreja Católica, oh geração santa e celestial, que renascestes em Cristo para uma vida nova! Ouvi-me, ou antes, ouvi através do meu convite: Cantai ao Senhor um cântico novo! — Já canto, dir-me-ás. Sim, oiço que cantas. E oxalá a tua vida não dê testemunho contra a tua língua. Cantai com a voz, cantai com o coração, cantai com a vida. Cantai ao Senhor um cântico novo». E mais adiante: «Perguntais-me que deveis cantar a respeito d'Aquele a quem amais (...)? O louvor do canto é o próprio cantor. Que-reis tributar a Deus louvores? Sede vós o cântico que ides cantar. Vós sois o seu louvor, se viverdes santamente»⁹.

Por sua vez, a propósito do Salmo 148: «Toda a nossa vida presente deve transcorrer no louvor de Deus, porque o louvor de Deus será também a alegria eterna da nossa vida futura (...). Agora, irmãos, exortamo-vos a que louveis a Deus; e isso é o que todos nós

⁶ «Omnes enim male viventes, etsi lingua taceant vita Domino maledicunt. Quid prodest quia hymnum cantat lingua tua, si sacrilegium exhalat vita tua? Si ergo vis benedicere Deum, fac verbum eius, fac voluntatem eius. In petra aedifica, non in arena (...). Si sic est, benedic Dominum; si non est sic, noli blandiri linguae tuae: vitam interroga, ipsa tibi respondeat. Invenis quid sis mali; geme, confitere: confessio potest Dominum benedicere; sed mutatio ipsa in benedictione perseveret». *In Ps.* 102, 28; *PL* 27, 1335; *CCL* 40, 1472.

⁷ «Qui male vivunt, non Deum laudant, sed et si praedicant lingua, blasphemant vita» *In Ps.* 47, 2.

⁸ «Credis et blasphemas (...). Adoras illum in capite, blasphemias in corpore» *Tr.* 10 *in Epist.* I. *Jo.*, 8; *PL* 35, 2060.

⁹ «O fratres, o filii, o catholica germina, o sancta et suprema semina, o in Christo regenerati et desuper nati, audite me, immo per me: Cantate Domino canticum novum. 'Ecce' inquis 'canto'. Cantas, plene cantas, audio. Sed contra linguam testimonium non dicat vita. Cantate vocibus, cantate cordibus, cantate moribus: Cantate Domino canticum novum. Queritis quid decantetis de illo quem amatis? (...) Laudes eius quaeris quas cantes? Laus cantandi est ipse cantor. Laudes vultis dicere Deo? Vos estote quod dicatis. Laus ipsius estis, si bene vivatis». *Sermo* 34, 6; *CCL* 41, 426.

mutuamente exprimimos quando cantamos *alleluia*: louvai ao Senhor, dizemos nós uns aos outros; e assim todos põem em prática aquilo a que se exortam mutuamente. Mas louvai-o com todas as vossas forças, i. é louvai a Deus não só com a língua e a voz, mas também com a vossa consciência, com a vossa vida, com as vossas acções (...). Não atendeis portanto, irmãos, apenas aos sons; quando louvais a Deus, louvai-o todos vós (com tudo o que sois): cante a voz, cante a vida, cantem os actos»¹⁰.

Voltando ao tema do cântico novo, ao comentar o Salmo 32, admoesta: «Despojai-vos do homem velho, pois já conheceis o cântico novo. Homem novo, testemunho novo, cântico novo. O cântico novo não é para homens velhos (...)». E continua: «Cada qual pergunta como há-de cantar ao Senhor. Canta para Ele, mas não cantes mal. Deus quer ouvir um cântico que não ofenda os seus ouvidos. Cantai bem, irmãos. Se te pedem que cantes para um bom apreciador de música, de modo que lhe agrade, não te atreves a cantar se não tens preparação musical, pelo receio de lhe desagradar (...). Quem se atreverá a cantar para Deus, tão excelente conhecedor de cantores? (...). Mas eis que Ele mesmo te sugere a maneira como Lhe há-de cantar (...)». E começa qui um belo desenvolvimento de um tema predilecto de Agostinho: o 'júbilo' aquela melodia que traduz a incapacidade de exprimir por palavras o que sente o coração. E a quem pode consagrar-se este cântico de júbilo senão ao Deus inefável, ao Deus sempre maior¹¹?

No seu empenho de bem esclarecer os seus fiéis, Agostinho volta a uma e outra vez ao tema do louvor incessante, explicando a ligação existente entre o que poderíamos chamar o louvor «pronunciado» e o louvor «vivido».

¹⁰ «Meditatio praesentis vitae nostrae in laude Dei esse debet: quia exultatio sempiterna futurae nostrae vitae, laus Dei erit (...). Nunc ergo, fratres, exhortamur vos ut laudatis Deum: et hoc est quod nobis omnes dicimus, quando dicimus: *Alleluia*. Laudate Dominum, dicis tu alteri, dicit ipse tibi; cum se omnes exhortantur, omnes faciunt quod hortantur. Sed laudate de totis vobis; id est, ut non sola lingua et vox vestra laudet Deum, sed et consciencia vestra, vita vestra, facta vestra». *In Ps.* 148, 2; *PL* 37, 1937-38; *CCL* 40, 2166.

¹¹ «Exuite vetustatem, nostis canticum novum. Novus homo, novum testamentum, canticum novum. Non pertinet novum canticum ad homines veteros (...). Quaerit unusquisque quomodo cantet Deo. Canta illi, sed noli male. Non vult offendi aures suas. Bene cantate, fratres. Si alicui bono auditori musico, quando tibi dicitur: canta ut placeas ei, sine aliqua instructione musicae artis cantare trepidas, ne displiceas artifici, quia quod in te imperitus non agnoscit, artifex reprehendit: quis offerat Deo bene cantare, sic iudicanti de cantore (...) sic audienti? (...) Ecce modulum cantandi dat tibi: noli quarere verba, quasi explicare possis unde Deus delectatur. In iubilatione canta. Hoc est enim bene canere Deo, in iubilatione cantare. Quid est in iubilatione canere? Intellegere, verbis explicare non posse quod canitur in corde» *In Ps.* 32, 1, 7; *PL* 36, 283; *CCL* 38, 253.

Assim por exemplo acerca do versículo do Salmo 34, «a minha língua cantará todo o dia o teu louvor», pergunta: «Qual será a língua capaz de passar o dia inteiro a louvar a Deus? Mal o sermão se torna um pouco mais demorado, logo vos cansais. Quem poderá então aguentar todo o dia louvando a Deus?»¹².

E responde à dificuldade: «Sugiro-te um remédio para poderes louvar a Deus todo o dia, se quiseses: faz bem tudo o que fizeres e louvaste a Deus. Quando cantas um hino, louvas a Deus (pois que faria a tua língua, se interiormente não louvasses?). Deixaste de cantar, vais para casa comer? não te embriagues e louvaste a Deus. Vais dormir? não te levantes para praticar o mal e louvaste a Deus. Tratas de um negócio? não cometas fraude e louvaste a Deus. Cultivas o teu campo? não te metas em brigas e louvaste a Deus. Na inocência e bondade das tuas acções apronta-te para louvar a Deus o dia inteiro»¹³.

Análoga exortação ao comentar o Salmo 148: «Agora, que nos encontramos reunidos dentro da Igreja, louvamos a Deus. Mas quando voltamos para casa, parece que deixamos de louvá-lo. Não deixes de viver santamente e louvarás continuamente a Deus. Deixas de O louvar quando te afastas da justiça e do que Lhe agrada. Mas se nunca te desviares do bom caminho, ainda que se cale a tua língua clamará a tua vida: e o ouvido de Deus está perto do teu coração»¹⁴.

Numa palavra, tomada do comentário ao Salmo 25: «louvar a Deus é isto: viver de tal modo que Deus seja louvado pelo comportamento de cada um»¹⁵.

¹² «Et lingua mea meditabitur iustitiam tuam, toda die laudem tuam. Et cujus lingua durat meditari tota die laudem Dei? Ecce paulo longior sermo factus est, fatigamini. Toda die Deum laudare quis durat?» (*In Ps. 34, II, 16; PL 36, 341; CCL 38, 321.*)

¹³ «Suggero remedium, unde tota die laudes Deum, si vis. Quidquid egeris, bene age et laudasti Deum. Quando cantas hymnum laudas Deum: lingua tua quid agit, nisi laudet conscientia tua? Cessasti ab hymno cantando, discedis ut reficiaris? Noli inebriari, et laudasti Deum. Discedis ut dormias? Noli surgere ad malefaciendum, et laudasti Deum. Negotium agis? Noli fraudem facere, et laudasti Deum. Agrum colis? Noli litem movere, et laudasti Deum. In innocentia operum tuorum praepara te ad laudandum Deum tota die» *Ib., ib.. Cf. Tr. 8 in Epist. I. Jo. 1, 5 e In Ps. 146, 1.*

¹⁴ «Etenim laudamus modo in ecclesia quando congregamur; cum quisque discedit ad propria, quasi cessat laudare Deum. Non cesset bene vivere, et semper laudat Deum. Tunc desinis laudare Deum, quando a justitia, et ab eo quod illi placet, declines. Nam si a vita bona nunquam declines, lingua tua tacet, vita tua clamat; et aures Dei ad cor tuum». *In Ps. 148, 2; PL 27, 1938; CCL 40, 2166.*

¹⁵ «Hoc est benedicere Deum: sic vivere ut per mores uniuscuiusque benedicatur Deus» *In Ps. 25, II, 14; Pl 36, 196; CCL 38, 151.*

5. O segredo

Repetidas vezes, como ouvimos, insistiu Agostinho na exigência de autenticidade no nosso culto a Deus, quer do litúrgico em sentido mais estrito, quer do da vida.

Quanto ao segredo, ou fonte, dum tal autêntico e verdadeiro culto, também ele o relembrou clara e repetidamente; ele, que a iconografia acertadamente representa com um coração inflamado na mão. Tal segredo, é o amor:

«Presta-se culto ao que se ama». «Ninguém louva de verdade senão aquele que de verdade ama». «Amas e louvas; deixas de amar se cessas de louvar». «Não temas não poder louvar sempre Aquele que sempre podes amar»¹⁶.

Pois que outro pode ser o culto de Deus senão o amor: *quis est cultus eius nisi amor eius?*¹⁷.

R. CABRAL S. J.

¹⁶ «Hoc colitur quod diligitur» *In Ps.* 77, 10. «Nullus veraciter laudat, nisi qui sinceriter amat». *Epist.* 120, 18. «Amas, et laudas; desinis amare, si desinis laudare», *In Ps.* 83, 8; *PL* 37, 1052; *CCL* 39, 1154. «Noli timere ne non possis semper laudare, quem semper poteris amare», *In Ps.* 83, 8; *PL* 37, 1063; *CCL* 39, 1154. Cf. «Si semper ille amatur, semper a nobis laudatur». «Non cesset homo bene vivere et semper laudat Deum», *In Ps.* 104, 17; *PL* 37, 1389. «Bona opera laudant...», *In Ps.* 128, 5; *PL* 37, 1691; *CCL* 41, 1884.

¹⁷ *De Trin.* 12, 14; *Pl* 42, 1010; *CCL* 50, 375.